

CHÜN-TU-HSÜEH. — **Huang Hsing and the Chinese Revolution.**
Stanford. Califórnia. Stanford University Press. 1961, 260
pp.

Este estudo sôbre a Revolução de 1911, que depôs a dinastia mandchú que desde o século XVII dominava o Celeste Império e implantou a República, inaugurando assim a história moderna da China, liga-se à vida universitária norte-americana. Foi elaborado nas Universidades de Colúmbia e Stanford, em cuja coleção de **Studies in History, Economics and Political Science** (vol. XX) foi publicado. Apresenta, assim, as qualidades técnicas que se exigem em trabalhos desta natureza: investigação rigorosa e exaustiva das fontes originais, apresentação cuidadosa e objetiva do material.

O tema é a ação política de Huang Hsing, co-fundador da República Chinesa, ao lado do famoso Sun Yat-sen. Trata-se, como nota o autor, de uma liderança dupla; mas, enquanto Sun Yat-sen tem sido objeto de numerosos estudos, muito pouco se escreveu sôbre a personalidade e a atuação de Huang Hsing. O presente livro visa exatamente preencher esta lacuna, e por isso o autor dá ênfase à participação do biografado no curso dos acontecimentos. O que pretende é, pois, contribuir com um elemento para posteriores estudos que permitirão reconstituir em conjunto a história do período revolucionário.

Assim, estuda-se a atuação de Huang Hsing e Sun Yat-sen anterior ao encontros de ambos em 1905, no Japão, ponto de convergência dos revolucionários chineses, quando promoveram a criação da Liga Revolucionária Unida da China (**Chung-kuo Ko-ming Tung-meng Hui**), e as numerosas tentativas infrutíferas que este organismo provocou, entre 1905 e 1910, para derrocar a dinastia Ching. Completa-se assim o quadro da fase preparatória, analisando-se em seguida a Revolução vitoriosa de 1911, e a implantação e organização da China Republicana pelo Kuomintang ("partido nacional", sucessor da Liga), que entretanto se encaminha para a ditadura militar do general Yuan Shih-kai. Os últimos capítulos estudam a ação dos dois líderes no exílio organizando a "segunda revolução", aliás fracassada, contra Yuan Shih-kai, suas divergências e afastamento, até a morte de Huang Hsing em 1916.

Além da exposição minuciosa dos fatos, o livro contém longas transcrições de documentos originais, devidamente traduzidos, tornando-se acessíveis, destarte, aos historiadores do Ocidente. Esta é mesmo, talvez, uma das principais qualidades da obra, numa vez que a análise do processo político não se aprofunda na indagação das suas determinações estruturais, ficando num nível mais biográfico e descritivo. É no plano documental e biográfico, efetivamente, que a nosso ver se situa sua contribuição, que é importante. De fato, em conjunto, a obra nos dá uma reconstituição muito viva da personalidade do chinês idealista que, respondendo certa vez aos críticos que afirmavam não estar a China "preparada" para a república re-

representativa, escreveu: “a melhor e única escola para a democracia é a democracia” (p. 186).

FERNANDO A. NOVAIS

*

* *

PAYNE (Stanley G.). — **Falange: a History of Spanish Fascism**. Stanford. Califórnia. Stanford University Press. 1961, 316 pp. (Coleção **Stanford Studies in History, Economics, and Political Science**, vol. XXII).

O Autor do presente trabalho, procurando investigar os fundamentos históricos do atual regime espanhol, fixa com muita nitidez a área de sua investigação: trata-se de análise de apenas um aspecto da agitada vida política da Espanha na década de trinta, ou seja o fascismo espanhol. O que se visa, pois, é a contribuição que, para o entendimento da vida política da Espanha contemporânea, pode resultar de uma história objetiva do fascismo hispânico. Pois é claro que a facção fascista é apenas um componente no jôgo político do período e, como a própria obra explicita, não o mais importante. Isto pôsto, e como historiador, o autor se preocupa desde logo em discernir a especificidade do fascismo espanhol em contraposição às variantes que o mesmo movimento apresenta noutros países.

Assim, o trabalho parte de uma apresentação das condições gerais do período (cap. I). Dentro das violentas tensões políticas e sociais do nosso século, depois da primeira guerra mundial, exacerbaram-se as reivindicações trabalhistas e os movimentos socialistas de esquerda num polo, e noutro os nacionalismos conflitantes. Disto resultou abrir-se o caminho para o advento e expansão dos movimentos “nacional-socialistas”, hibridismo contraditório, cuja função, segundo o autor, consistia em, através do contróle estatal “corporativo” das forças econômicas em nome da “nação”, sofrer a vaga da rebelião proletária. Nas suas próprias palavras: “misturar nacionalismo e socialismo, ou usar o primeiro para controlar o segundo” (p. 1). Examina-se em seguida como estas condições gerais se manifestavam na Espanha: o atraso econômico acentuando as tensões, ao mesmo tempo dificultando a tomada de consciência e organização das lutas políticas; por outro lado, desigualdades regionais muito pronunciadas complicavam extraordinariamente o quadro dos grupos e posições, misturando movimentos separatistas (como o da Catalunha) com conflitos de classes. Tudo permeado por um denso passado histórico, onde a Igreja desempenha papel fundamental, marcando incisivamente a consciência ibérica. Daí estreitar-se perigosamente a faixa do “centro” que acredita nas possibilidades e virtudes do regime representativo liberal, atacado pelas numerosas facções da esquerda revolucionária e da direita tradicionalista. O au-